

Lazer sexual masculino no Brasil

RICARDO LANZARINI * [ricardolanzarini@gmail.com]

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO ** [trigo@usp.br]

Resumo | Este artigo retrata uma etnografia sobre o lazer, a sexualidade e o fenômeno turístico nas cidades de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), os maiores centros urbanos e destinos de fluxo turístico no Brasil. De caráter interdisciplinar, a pesquisa recorre a observação participante para a realização de incursões no espaço *on-line* de interação de turistas e nos equipamentos de lazer e entretenimento próximos dos centros turísticos durante o ano de 2013, com o objetivo de identificar o perfil de homens que buscam encontros sexuais nos momentos de lazer de suas viagens, fora do circuito comercial do sexo. Dentre os resultados encontram-se homens de 20 a 65 anos que viajam sozinhos ou em pequenos grupos de amigos ou familiares por motivos diversos, entre os quais trabalho, compras ou férias. Nessas viagens, eles encontram situações de isolamento ou atividade individual que lhes permitem transpor a vigilância social cotidiana, oportunizando novas interações sociais e sexuais momentâneas nas práticas de lazer, experienciando prazeres sexuais como parte da viagem.

Palavras-chave | Homens, Sexo, Lazer, Viagens, Brasil.

Abstract | This article is an ethnographic study about leisure, sexuality and the tourism phenomenon in São Paulo (SP) and Rio de Janeiro (RJ), the largest urban centers and tourist destinations in Brazil. It is an interdisciplinary research, using participant observation to conduct forays into tourists' interactions online and in leisure and entertainment places near the tourist centers during 2013, in order to identify the profile of men seeking for sexual encounters in leisure time in their travels, out of the sex trade circuit. Among the results are men aged 20 to 65 who travel alone or in small groups of friends or family for several reasons, including work, shopping or vacation. During these travels, they find social isolation or individual activity that allow them to transpose the social surveillance, providing opportunities for new social and sexual interactions in leisure practices, experiencing sexual pleasures as part of the travel.

Keywords | Men, Sex, Leisure, Travel, Brazil.

* **Doutor em Ciências Humanas**, em estágio de Pós-Doutoramento na Universidade de São Paulo (EACH-USP). **Bolsista** do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil.

** **Doutor em Educação** pela Universidade Estadual de Campinas. **Professor Titular** da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

1. Considerações iniciais

As pesquisas que envolvem a temática de sexo e viagens tem sido alvo de especulações quanto às práticas que alimentam o comércio do sexo e/ou a troca de benefícios materiais que envolvem turistas em melhores condições financeiras e residentes pobres de destinos turísticos, em relações variadas de gênero e sexualidades.

A análise aqui apresentada resulta de observações realizadas no universo *on-line* e *in situ* nas cidades de São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ, no Sudeste do Brasil, durante o ano de 2013. O objetivo é compreender as relações eróticas estabelecidas durante as práticas de lazer nas viagens no Brasil, bem como a motivação e o consumo de destinos turísticos a partir de determinantes da sexualidade do viajante.

Foram pesquisados homens heterossexuais, bissexuais e homossexuais encontrados nos principais equipamentos de lazer e entretenimento indicados por guias de turismo e guias virtuais de sexo nas respectivas cidades, que correspondem aos maiores centros urbanos do país, com maior eficiência em mobilidade de pessoas, base da atividade turística. Conforme dados estatísticos do Ministério do Turismo (2012) sobre a entrada de turistas por estado brasileiro no ano de 2011, São Paulo teve a maior movimentação, com 2.094.854 milhões de pessoas e o Rio de Janeiro, em segundo lugar, com 1.044.931 milhões; em ambos os casos, concentrados nas capitais, que são geograficamente próximas e dispõem de boas infraestruturas de transporte que as ligam ao restante do país e do mundo.

O processo de compreensão do comportamento sexual de homens durante as viagens iniciou com a identificação dos seus comportamentos na vida cotidiana. No cotidiano se encontram as interações públicas como trabalho, amizades, viagens, frequência em locais de lazer e entretenimento; bem como privadas, de ordem familiar, emocional e sexual. DeCerteau (1994, p. 31) definiu o cotidiano como espaço animado pelo conjunto de movimentos que

se entrecruzam num lugar praticado, “aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime”.

A viagem consiste na mobilidade humana para os mais diversos fins, como trabalho, lazer, saúde, entre outros, tendo dois momentos característicos: o primeiro, com a realização das atividades que a motivam; e o segundo, de descanso, proporcional ao que ocorre no dia-a-dia, onde se incluem as atividades de lazer e entretenimento. É comum que numa viagem de negócios, por exemplo, se utilize um determinado período de tempo para práticas de relaxamento, motivados principalmente pelo lugar diferente, por estar fora de casa (Barretto, 1996). Estas práticas podem se resumir a uma *happy hour* no fim do dia, uma visita a um bar ou a outro local de socialização. Logo, o lazer é parte essencial da viagem.

Dumazedier (1973) entende o lazer como as ocupações às quais se pode entregar de livre vontade para o repouso, divertimento, recreação e entretenimento ou, ainda, aprimorar os conhecimentos e a formação desinteressada, desvinculado das obrigações profissionais, familiares e sociais. Nesse sentido, a viagem estimula as práticas de lazer e entretenimento, mesmo aquelas cuja motivação é essencialmente profissional: estar fora de sua socialização habitual motiva outros comportamentos no viajante que se sente livre das obrigações familiares e sociais cotidianas (Krippendorf, 1989).

O viajante estabelece inúmeras interações com o lugar visitado. Os equipamentos de lazer e entretenimento constituem os principais meios de contato, a exemplo de bares, danceterias, locais de concentração de turistas como centros históricos, além de equipamentos para públicos específicos, como saunas e casas de sexo. Trigo (2003) salienta que, nas práticas do lazer, o entretenimento tem sido fortemente usado pela atividade turística como fonte de renda, e por seus adeptos, como forma de compensação da rotina.

Para além do lazer, o sexo está presente nas viagens de homens como uma forma de evasão

das pressões cotidianas e realização dos desejos reprimidos. As viagens, ligadas à ideia de prazer e relaxamento pelo lazer dissociado do cotidiano, oportunizam instigantes formas de sociabilidade sexual entre viajantes e residentes em grandes centros urbanos e locais turísticos.

2. Lazer e viagem como fatores motivacionais para o sexo

Como no cotidiano, as interações sociais durante as viagens estão repletas de influências da sexualidade, dos desejos e normas sociais; e o sexo é um componente que não pode ser dissociado das práticas dos viajantes, que normalmente utilizam os momentos de lazer para experienciar prazeres diversos, alguns proibidos ou condenados por seus grupos de origem, como as práticas bissexuais e homossexuais.

Ao tratar do lazer na vida cotidiana, Marcellino (1987) salienta que ele está propenso ao julgamento social, exercendo suas influências na sociedade, pois lazer é a “cultura vivenciada no tempo disponível. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação” (Marcellino, 1987, p. 31). Noutra análise, o autor (Marcellino, 1996) expõe que o lazer constitui um tempo privilegiado de experiência de valores que podem mudar a ordem moral e cultural vigente, pois constitui um veículo e um objeto de educação.

O sexo também está presente no cotidiano. Em 1948, aparece o primeiro relatório sobre o comportamento sexual das pessoas, o conhecido *Relatório Kinsey*, um marco nos estudos sobre sexualidade, mas que foi escandaloso nos Estados Unidos da época. Alfred Kinsey (1894-1956) foi perseguido, acusado de ameaçar a moral familiar e de ser subversivo, pois falava abertamente de homossexualidade, traição, masturbação, prostituição e perversão, seja no mundo masculino ou feminino.

No que concerne à viagem e ao sexo, diversos estudos enfatizam o ‘turismo sexual’ que Barretto (2005) define como a viagem motivada pelo sexo. As produções acadêmicas relatam inúmeros casos de prostituição feminina e masculina no Brasil e no mundo, como o trabalho de Perlongher (2005), que estudou a prostituição masculina em São Paulo; Piscitelli (1996) que contextualizou os textos publicitários do tema na mídia brasileira com a imagem da mulher; Oppermann (1999) que abordou o turismo sexual como multidimensional, nem sempre ligado à prostituição, mas ao sexo como mobilizador de deslocamento; e Soares do Bem (2005), que analisou as relações de sexo entre turistas europeus e mulheres brasileiras, entre outros. Entretanto, o conceito de ‘turismo sexual’ não se enquadra nesta pesquisa, que estuda as práticas sexuais nos momentos de lazer e entretenimento do viajante, e não como motivação do deslocamento ou modo de obter rendimento para os residentes. Recai aqui o conceito de ‘lazer sexual’ como prática social complementar da viagem.

A contribuição para os estudos do lazer, do turismo e da sexualidade se articulam numa pesquisa inédita que retrata o Brasil a partir de suas duas maiores metrópoles. Tanto para os estudos do fenômeno turístico quanto para o lazer, a sexualidade tratada como determinante no comportamento social é ainda um tema marginal que envolve não apenas o enfrentamento social, mas a quebra de tabus da moralidade que oprimem os sujeitos sexualizados, mas que são deixados de lado no momento da viagem, tal qual argumenta Santana (2009). Conforme Trigo (2009, p. 141), “viajar é um dos prazeres mais intensos do ser humano. O outro é o sexo. Unir ambos é potencializar suas intensidades em uma sinergia orgiástica”.

A sexualidade se estabelece a partir de relações de gênero e práticas pelas quais homens e mulheres definem seu lugar na sociedade. A prática sexual cotidiana é ordenada pelo gênero, que delimita as relações entre pessoas, as excitações sexuais, os cuidados corporais e a diferenciação entre os sexos.

Whitehead (2002) reafirma este conceito ao tratar a prática sexual como uma sexualidade imaginada, experienciada e atuada num lugar físico-mental, onde natureza, poder e prazer se entrelaçam, interagem e se reforçam além da compreensão humana.

Os estudos de gênero desempenham um papel fundamental neste contexto. De forma breve, as conquistas das mulheres no ocidente concentram-se apenas a partir do século XX, graças a Sigmund Freud (1856-1939) e seu pioneirismo sobre a sexualidade humana, e à Segunda Guerra Mundial, que sepultou muitos dos tabus e opressões da antiga Europa. As novas tecnologias, o fim do imperialismo europeu sobre várias áreas da África e Ásia, a expansão do socialismo e sua posterior implosão, novos hábitos culturais e sociais, a valorização das liberdades civis e da pluralidade nas sociedades democráticas, constituem fatores que contribuíram para uma mudança na imagem que a sociedade fazia da mulher e da imagem que a própria fazia de si mesmo.

Em 1896, em carta a Wilhelm Fliess, pela primeira vez, Freud fez menção às zonas erógenas e as suas relações com as perversões. Com a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud “desencadeia o desenvolvimento de uma nova e poderosa corrente de pensamento sobre a experiência humana, tendo como base as reflexões sobre a sexualidade” (Simões, 2011, p. 39). A mulher passa a ter corpo e excitação sexual e entende o direito inalienável que possui sobre seu prazer. Um outro passo importante no movimento de ‘libertação da mulher’ foi a pílula anticoncepcional, desenvolvida em 1956 pelo biólogo norte-americano Gregory Pincus. A pílula permitiu dissociar reprodução e sexo, permitindo à mulher alguns direitos, além dos tradicionais deveres.

Betty Naomi Goldstein, conhecida por Betty Friedan (1921-2006), publicou em 1963, no Estados Unidos, *The feminine Mystique*, um *best seller* que suscitou a onda feminista na América e em vários países ocidentais. Em 1980, lançou *O segundo estágio*, seu segundo livro, onde defendeu a colaboração entre homens e mulheres no trabalho, sendo criticada por feministas mais radicais.

Em 1966, dois pesquisadores americanos, William H. Masters e Virginia E. Johnson, montaram um laboratório para pesquisar cientificamente as alterações biológicas durante o ato sexual.

Eles tinham o apoio de voluntários que se dispunham a ter atividade sexual no laboratório, monitorado por aparelhos criados para detectar, por exemplo, as alterações de cor e de calor na vagina durante a estimulação. Os pesquisadores chegaram a um padrão de resposta sexual para homens e mulheres e o nomearam de Ciclo da Resposta Sexual Humana, com três fases: desejo, excitação e orgasmo (Simões, 2011, p. 44).

Os mesmo autores publicaram, em 1979, o estudo *Homossexualidade em perspectiva*. Em 1974, a Associação Psiquiátrica Americana deixou de rotular a homossexualidade como doença.

A procura sexual, contudo, se difere no desejo, que é individual. Bogue (1996) entende o desejo como força primária, atividade inconsciente, uma produção do próprio ‘ser’, capaz de gerar prazer. Santoro (2007) identifica o prazer como um fim extremo do desejo realizado, um gozo passageiro mantido na esfera do próprio desejo. Ao discutir o prazer como forma de diluir as pressões sociais, DeMasi (2000) apresenta o ócio criativo como a estruturação equilibrada das atividades humanas e a valorização e enriquecimento do tempo livre e necessidades básicas, tais como a introspecção, o convívio, a amizade, o amor e as atividades lúdicas, que incluem as viagens.

Historicamente, o prazer é regulado pela moral que Foucault (1994) entende como um conjunto de valores e regras propostas por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como a família, as instituições educativas, as instituições religiosas, etc., delimitando coletivamente o que é ‘certo’ e ‘errado’, capaz de gerar julgamento, absorção ou condenação pública e pessoal. São demarcados os territórios e as relações de poder nas disputas de gênero, nos processos de coerção moral do sexo e

na formação de guetos sexuais que igualmente são espaços de lazer atrativos aos viajantes.

Estudando a história das viagens e turismo, percebe-se como ela é marcada, em parte, por um moralismo tácito, como se na motivação da viagem o sexo estivesse ausente ou fosse algo pecaminoso, vergonhoso e culpável. Porém a explicitação do erotismo e da pornografia na cultura ocidental é muito antiga, datando da época greco-romana e perpassando boa parte do período medieval, para florescer plenamente no Renascimento e sob os auspícios do Iluminismo. Posteriormente, em pleno século XX, conquistas nos campos da moral individual e liberdades civis ampliaram as fronteiras do prazer para o ser humano. Entre as novas facilidades está a de viajar, sair de sua rotina e prospectar novas experiências e emoções, onde o sexo desempenha um papel fundamental na busca contemporânea pelo prazer.

3. Procedimentos metodológicos

Partindo da interdisciplinaridade das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para a construção de um conhecimento novo, baseado em técnica, ciência e práticas socioculturais, o método adotado é etnográfico, respaldado na experiência pessoal e participação, incluindo entrevistas, observações, documentos, descrições e narrativas (Genzuk, 1993). Desse modo, foram realizadas observações de caráter participante que, de acordo com Richardson (1999, p. 262), “diz respeito à sua própria natureza, isto é, ao fato de o pesquisador se tornar membro do grupo sob observação”, aproximando-o dos pesqui-

sados para melhor compreender os hábitos, atitudes, interesses e relações cotidianas do grupo em estudo.

A investigação é de natureza qualitativa, pois trata do universo de significados, valores e atitudes que correspondem a um espaço de relações, de processos e fenômenos sociais (Laville & Dionne, 1999), utilizando-se a técnica da *flânerie*, que sugere a existência de um ser errante que vaga pelas cidades ociosamente, sem destino certo, vivendo a experiência urbana associada às novas transformações no espaço, nos hábitos, os costumes, os símbolos e a multidão (Benjamin, 1997), garantindo a privacidade do pesquisador frente ao objeto pesquisado.

A observação concentra-se nas regiões turísticas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, onde estão a maioria dos atrativos turísticos, as redes hoteleiras e equipamentos de lazer e entretenimento; além do universo *on-line*, que constitui uma importante ferramenta de sociabilidade moderna (Rifiotis, Máximo, Segata & Lacerda, 2010), por intermédio das salas de conversação em tempo real – *chats* – onde viajantes e residentes têm a oportunidade de marcarem encontros sexuais rápidos, sem nunca antes terem se visto; sites sexuais informativos e os aplicativos para *smartphones* que localizam pessoas próximas por afinidades e interesse sexual.

Como parte do campo de análise são apresentadas algumas das entrevistas realizadas com empresários e viajantes em locais de lazer onde seus frequentadores costumam procurar encontros sexuais, incluindo os *chats* e aplicativos virtuais, em interações heterossexuais, bissexuais e homossexuais.

4. A pesquisa

As duas principais formas de identificação de viajantes em espaços de lazer com interesse em praticar sexo foram: i) a procura direta no universo *on-line* via *chats*¹ do provedor UOL² nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro onde, na qualidade de usuários, participam de algumas conversas virtuais

¹ Os *chats* são disponibilizados em páginas eletrônicas para o diálogo entre pessoas a partir de regiões – estados, capitais e cidades –, idades e interesses diversos, que facilitam o acesso e manuseio rápido de usuários que buscam encontros sem a necessidade de cadastramentos ou manutenção de perfil virtual.

² Como já indicado em estudos anteriores (ver Lanzarini, 2013), o UOL (Universo *On-Line*) é o provedor mais usual entre brasileiros que buscam sexo em *chats*.

com homens que se identificavam serem 'de fora'³ da cidade em busca de sexo casual imediato; foram ainda identificados os usuários de aplicativos⁴ de busca sexual via *smartphones*; e ii) observação participante em locais de sociabilidade sexual, como casas de sexo e saunas localizadas nas regiões de maior concentração hoteleira e de atrativos turísticos das cidades.

No universo *on-line* há sempre a oportunidade de encontrar homens que se identificam como 'turista', 'empresário de fora', 'viajante', 'gringo', entre outros, buscando sexo com homens e mulheres de modo anônimo ao criarem personagens virtuais que atendem aos mais variados estilos e interesses sexuais, estabelecendo relações efêmeras, puramente sexuais e quase sempre em encontros únicos.

Durante um ano de observação foram encontrados cerca de quinhentos homens no universo *on-line*⁵. Deles, 170 buscavam relações heterossexuais, 120 bissexuais e 210 homossexuais, sendo que 290 foram encontrados na cidade de São Paulo. Todos procuravam sexo fora do circuito comercial, tinham idades variadas entre 20 e 65 anos, argumentando estarem na cidade por motivos como trabalho, compras, lazer e turismo, entre outros. São homens que demonstram variadas ocupações na viagem, com um tempo livre que pode ser preenchido pela atividade sexual descompromissada, sem vínculos afetivos que comprometam a vida cotidiana. Não buscam apenas interações virtuais: as conversas nos *chats* e aplicativos costumam ser rápidas e objetivas, quase sempre sobre fenótipo e preferências sexuais, como segue:

(SP-16h) "H de fora": sou empresário, 45 anos, sozinho no hotel. "Procuro mulheres até 35 anos que queiram sexo sem compromisso hoje à noite."

(RJ-18h) "Hturista_Bi": 27 anos, malhado, 180 cm, 79 kg, bronzeado. "A fim de sexo agora em Ipanema. Estou de carro. Curto casal e sou versátil."

(SP-20h) "Hgaúcho x H": 33 anos, ativo, 175 cm, 80 kg, em SP nesse fim de semana. "Algum cara bacana e passivo nas proximidades da Frei Caneca?"

(RJ-19h) "EmpresárioSP x H_ativo": 40 anos, de Sampa. "Algum ativo na Zona Sul entre 30 e 50 anos?"

Os relatos acima exemplificam a diversidade de casos que são facilmente encontrados no universo *on-line*, onde o viajante tem a possibilidade de encontrar uma oferta sexual local direcionada aos mais diversos fins e práticas sexuais e que incluem, em sua maioria, interações não comerciais de sexo protegidas pelo anonimato e casualidade dos encontros. Há, de início, uma descrição do biotipo de cada participante, para que já se possa fazer uma seleção prévia do possível parceiro/a sexual, além de se demarcarem as buscas por homens, mulheres ou ambos, salientando, inclusive, as preferências de práticas sexuais, como 'ativo', 'passivo' ou 'versátil', tal qual descreve Lanzarini (2013).

Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo há uma predominância virtual de buscas homossexuais. No caso da bissexualidade, há uma predisposição maior para a homossexualidade do que propriamente a heterossexualidade, isto é, no caso de não haver o casal, encontrar outro homem é sempre uma segunda opção viável, considerando-se a oferta predominantemente masculina. Cabe ressaltar que esta investigação exclui as relações comerciais de sexo. Logo, não foram catalogados os homens que buscam sexo com mulheres em torca de dinheiro ou algum incentivo como presentes ou outras facilidades, o que formava a maioria dos casos heterossexuais encontrados. De modo geral, os homens que buscam o prazer heterossexual parecem estar presos

³ Categoria nativa que se refere ao não pertencente do grupo social local.

⁴ Os aplicativos pagos que funcionam como localizadores que filtram os interesses de cada usuário e faz sugestões de contato, além de identificar quais pessoas próximas estão buscando sexo casual. É uma ferramenta bastante utilizada pelo público homossexual por meio dos programas *Grindr* (mais comum no Brasil), *Scruff* e *Hornet*, e mais recentemente, o *Tinder*, para heterossexuais. ⁵ Ressalta-se que esse número não se refere a nenhuma amostragem real, visto que os *chats* funcionam 24 horas por dia, são inúmeras as suas salas e provedores. Logo, seria desumano qualquer amostragem quantitativa real, sendo esse valor apenas um demonstrativo de apreensão do universo pesquisado.

a uma cultura machista de consumo da prostituição, mas é preciso, ainda, considerar que o maior público no universo *on-line* é de homens, tendo uma disponibilidade sexual de mulheres em menor escala.

Já as observações nos equipamentos de lazer e entretenimento são, de fato, mais árduas, visto que é consideravelmente difícil manter aproximações presenciais e obter informações mais precisas, identificando os viajantes que, misturados a multidão de cada lugar, desaparecem. Foram realizadas dez visitas de campo em cada cidade, a equipamentos diferentes, entre boates, saunas e casas de sexo. Considerando-se que o tempo disponível para o lazer – exceto para turistas em férias – é relativamente curto, as buscas sexuais são sempre muito rápidas e similares em todas as formas da sexualidade.

Nas boates e bares de estilo *pub* há uma clara busca por sexo entre clientes e a busca se estabelece a partir de ‘paqueras’ e olhares que insitam à aproximação. Encontram-se aqui muitos/as profissionais do sexo que procuram principalmente homens estrangeiros. Em entrevista, dois gerentes de casas noturnas atestam:

“(SP) Gerente-1: "Muitos turistas vêm aqui em busca de diversão e sexo. Há várias garotas de programa, mas que não pertencem a boate. Elas entram como clientes iguais aos outros e fazem o trabalho delas sem incomodar ninguém e mal são percebidas. Normalmente saem com os estrangeiros. Mas muita gente aqui está buscando um parceiro sexual, então fica difícil ‘de olho’ dizer quem cobra e quem não cobra."

(RJ) Gerente-2: "Quase todos aqui chegam em grupos ou sozinhos, mas na fila de entrada você raramente vê casais. Na saída muitos estão acompanhados e animados para a continuação da noite. Muitos homens turistas, muitas mulheres daqui mesmo."

Já nas saunas e casas de sexo, de apelo estritamente sexual, as aproximações são diretas e as atividades sexuais costumam acontecer no próprio local, diferentemente das boates, bares e universo *on-line* que servem apenas como primeiro contato. Alguns homens relatam suas experiências:

(SP) H-1/39 anos: "Sou casado mas viajo sempre a trabalho e aproveito as folgas para relaxar e fazer um sexo diferente. Não gosto de prostitutas. Prefiro vir aqui na sauna mista e transar com quem também quiser transar comigo, quantas vezes quiser."

(RJ) H-2/31 anos: "Sou bissexual e gosto de transar com casais, por isso venho nas casas de *swing*, que a oferta é variada e eu posso escolher melhor com quem transo, mais que na *Internet*. Aqui faço tudo que gosto, sem regras sociais e sem ter que pagar por sexo. Na minha cidade não tem isso porque é pequena. Então aproveito as férias para realizar minhas fantasias."

(SP) H-3/48 anos: "Tenho mulher e filhos, mas aproveito as viagens a trabalho para fazer o que mais gosto: vir na sauna *gay* e transar realizar minhas fantasias homossexuais com um ou mais caras. Gosto de ser passivo, mas tenho poucas oportunidades de fazer isso; só mesmo quando viajo sem a família, a trabalho, por poucos dias e horas vagas, normalmente no fim do dia."

(RJ) H-4/44 anos: "Sou passivo submisso. Vou às casas sadomasoquistas porque é o lugar que realizo mais minhas fantasias. E aqui tem os equipamentos que uso no sexo e não posso ter em casa por causa da minha família, pois moro com meus pais."

As transcrições expostas explicitam a associação que homens das mais variadas idades e profissões fazem quanto à ideia de lazer e viagem, associando atividades sexuais que lhes são oprimidas na vida cotidiana em virtude da família e grupos de pertencimento a uma atividade que lhes proporcione prazer e satisfação pessoal, independentemente das normas de conduta de seus grupos sociais de origem.

O ‘lazer sexual’ funciona, assim, como um escapismo para as tensões sociais que envolvem a moralização do sexo, quebrando normas e convenções como a monogamia ou a heterossexualidade padrão, por exemplo. Contudo, seu movimento é sutil nos grandes centros urbanos, invisibilizado pelas multidões que convivem com esses espaços e ações – incluindo as virtuais – sem que se altere

a rotina do lugar, passando, por isso, despercebido, fato que colabora com aqueles que apenas querem experienciar novas interações sexuais, sem compromissos cotidianos.

O lazer, enquanto expressão de prazer e relacionamento, encontra na erótica uma combinação de interesses que complementa as viagens, deixando-as mais satisfatórias. Desse modo, os equipamentos de lazer sexual complementam a oferta de destinos turísticos e de grandes centros urbanos.

O sexo não agenciado funciona como uma troca mútua de prazeres, com acordos de sigilo e discrição entre os pares, sem estabelecimento de vínculos sociais, o que gera maior segurança emocional para aqueles que rompem as convenções e normas do comportamento sexual masculino, seja pela quebra das estruturas familiares monogâmicas, seja pela busca de prazeres homossexuais e bissexuais, de sadomasoquismo ou sexo grupal, entre outras tantas formas de realização do desejo, que é mutável, individual e incessante.

5. Considerações finais

Nunca existiu um paraíso sexual. No imaginário ocidental, a Polinésia é a imagem mais próxima de uma liberdade sexual mais ampla e generosa. O mito surgiu em 1768, por ocasião da expedição de Bougainville ao Taiti. Os marinheiros contaram que as moças das aldeias se ofereciam graciosamente aos marinheiros. Cerca de um século e meio depois, a antropóloga Margaret Mead, pesquisou a vida sexual das mulheres do Taiti e escreveu um livro que se tornou famoso: *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*. Mas a pesquisa fora contaminada por um viés metodológico, pois as respostas dadas não foram as verdadeiras, mas sim um tipo de brincadeira com a estrangeira curiosa por seus costumes. O antropólogo Derek Freeman desmistificou o trabalho de Mead, na década de 1980.

Mead equivocou-se em sua interpretação porque se deixou arrastar pelo mito ocidental da sexualidade polinésia, cuja gestação foi investigada por Serge Tcherkézoff. A conduta das moças que alegraram a vida da expedição de Bougainville não era libertina. Essas jovens agiam sob as ordens dos adultos, chefes e sacerdotes. Sua finalidade era agradar os enviados celestes do grande Deus criador e, também, apropriar-se de seus poderes, conseguindo que fecundassem as moças (Marina, 2008, p. 12).

O mundo das viagens tornou-se, a partir do século XIX, mais amplo e democratizou-se razoavelmente após a Segunda Guerra Mundial. As novas formas de comunicação, transportes e as novas tecnologias provocaram mudanças por todo o mundo. Porém a maioria das sociedades estruturou-se social e economicamente, política e culturalmente de forma machista e patriarcal, tornando-se objetos de consumo e procriação, uma mercadoria mais valiosa e sofisticada, mas ainda assim mercadoria.

Os espaços de lazer do cotidiano ganham novo significado no turismo: alguns deles passam a abrigar as divergências sexuais que limitam o cotidiano dos homens, abrindo um parêntese nas práticas sexuais corriqueiras para a experiência do desejo mais proibido, sem julgamentos morais. O sexo, que tem historicamente mais abertura social para o homem do que para a mulher, acaba por dominar o universo clandestino das práticas sexuais entre viajantes e residentes, predominando, no caso da troca de prazeres sexuais sem vínculos financeiros, o contato homossexual, especialmente quando se considera a abertura da bissexualidade para a troca de prazeres entre homens.

O preconceito e a marginalização do sexo geraram bloqueios sociais e forçaram as pessoas a buscarem seus prazeres na clandestinidade, silenciando suas práticas sexuais em guetos e refúgios esporádicos como as viagens. Por sua vez, as viagens ganharam mais valor no imaginário desses viajantes que encontram nela o seu universo particular, seguro e anônimo.

A convergência dos movimentos feminista, *gay*, negro e jovem na década de 1970, no ocidente, representou uma série de avanços nas liberdades individuais e nas políticas públicas sociais e culturais. É, portanto, urgente que as áreas que se dedicam ao estudo do lazer, turismo e entretenimento, tenham também como foco o comportamento sexual das pessoas, nos momentos de ócio ou de deslocamento geográfico.

Referências bibliográficas

- Barretto, M. (1996). Turismo 'de negócios': Un concepto polémico. *Revista Estudios y Perspectivas en Turismo*, 5(3), 207-221.
- Barretto, M. (2005). Prefácio. In A. Soares do Bem (Ed.), *A dialética do turismo sexual* (pp. 9-12). Campinas: Papirus, Coleção Turismo.
- Benjamin, W. (1997). *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire: Um lírico na época do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Bogue, R. (1996). *Deleuze and Guattari*. London: Routledge.
- Ministério do Turismo (2012). *Anuário estatístico 2012*. Brasília: Ministério do Turismo.
- DeCerteau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- DeMasi, D. (2000). *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Dumazedier, J. (1973). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M. (1994). *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Genzuck, M. (1993). *A synthesis of ethnographic research*. Occasional Papers Series. Los Angeles: University of Southern California, Center for Multilingual, Multicultural Research, Rosier School of Education.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia: Saunders.
- Krippendorf, J. (1989). *Sociologia do turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lanzarini, R. (2013). *Jorge – Empresário de fora, casado e versátil: Homoerotismo no anonimato das viagens*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, BR.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Belo Horizonte: UFMG.
- Marcellino, N. (1987). *Lazer e educação*. Campinas: Papirus.
- Marcellino, N. (1996). *Estudos do lazer: Uma introdução*. Campinas: Autores Associados.
- Marina, J. A. (2008). *O quebra-cabeça da sexualidade*. São Paulo: Guarda Chuva.
- Oppermann, M. (1998). *Sex tourism and prostitution: Aspects of leisure, recreation and work*. New York: Cognizant.
- Oppermann, M. (1999). Sex tourism. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 251-266.
- Perlongher, N. (2005). *O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- Piscitelli, A. (1996). 'Sexo tropical': Comentários sobre gênero e 'raça' em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu*, 6, 9-34.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: método e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rifiotis, T., Máximo, M. E., Segata, J., & Lacerda, J. S. (2010). *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis: UFSC.
- Santana, A. (2009). *Antropologia do turismo: Analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, Série Turismo.
- Santorio, F. (2007). *Arqueologia dos prazeres*. São Paulo: Objetiva, Coleção Filosófica.
- Simões, R. B. S. (2011). *A mulher de 40*. Belo Horizonte: Gutenberg.
- Soares do Bem, A. (2005). *A dialética do turismo sexual*. Campinas-SP: Papirus, Coleção Turismo.
- Trigo, L. G. G. (2003). *Entretenimento: Uma crítica aberta*. São Paulo: SENAC, Série Ponto Futuro.
- Trigo, L. G. G. (2009). Ascensão do prazer na sociedade atual: Turismo GLS. In A. Panosso Netto & M. G. R. Ansarah (Eds.), *Segmentação do mercado turístico: Estudos, produtos e perspectivas* (pp. 141-163). Barueri: Manole.
- Whitehead, S. (2002). *Men and masculinities: Key themes and new directions*. Malden: Blackwell Publishers.